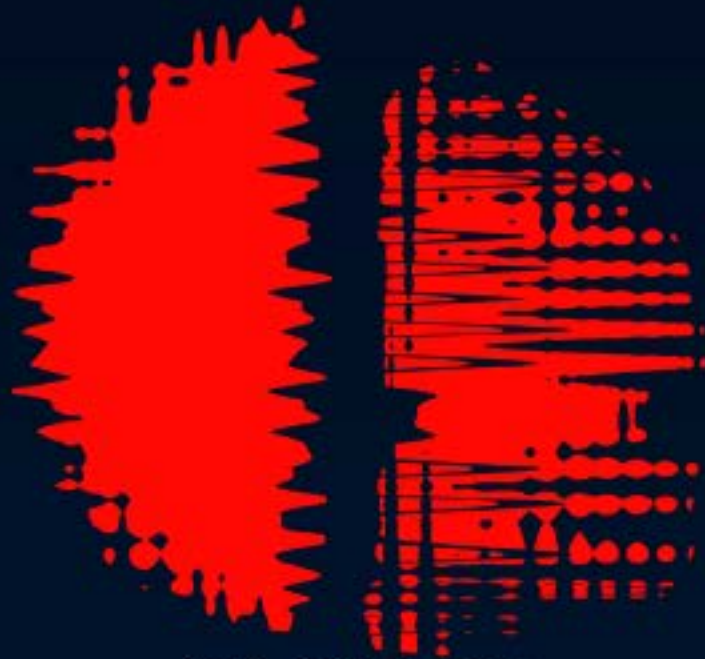


XXV ENCONTRO BRASILEIRO  
DO CAMPO FREUDIANO



OS CORPOS  
APRISIONADOS  
PELO DISCURSO  
... E SEUS RESTOS

BOLETIM

CODA

#05

## SUMÁRIO

- 3 EDITORIAL
- 5 EIXOS TEMÁTICOS
- 17 NOTAS E TONS
- 23 ...DIZERES E SUAS REVERBERAÇÕES
- 27 ARTE E CULTURA

## EDITORIAL

Alessandra Sartorello Pecego (EBP/AMP)  
Coordenadora Geral do XXV EBCF

*Alea jacta est!!!* Posso dizer isto, de um lançamento da sorte, se é que ela existe, mas com cálculos e com trabalho. Refiro-me à sorte de alguns bons encontros com o tema do XXV EBCF: “Os corpos aprisionados pelo discurso ...e seus restos”. Talvez possamos apostar mais no termo “contingência”. O encontro contingente que cada um pôde ter com o trabalho minucioso e questionador das preparatórias desse

Encontro, onde a transmissão de investigações clínicas e epistêmicas abrem novas vertentes a serem exploradas nas mesas de trabalho das jornadas clínicas e das plenárias em novembro. Trabalho que tem a função de um diapasão que mostra o tom, o intervalo, a escala e o acorde de nosso trabalho, e convoca a comunidade analítica à essa composição. O resultado é visto no interesse maciço de nosso meio, sentido nas interações e conversações das preparatórias, e no fato de estarmos prestes a atingir o número máximo de inscritos que o local permite acolher. Sim, temos pouquíssimas vagas e estamos próximos a lotação máxima em São Paulo.

Nesse boletim CODA 5, em *Eixos Temáticos*, temos os trabalhos de Mirmila Musse e Ana Tereza de Faria Groisman. Ao discutir o Eixo 3: *O real da sexualidade e o dizer da análise*, Mirmila parte da premissa de que a linguagem funda a sexualidade na medida em que coloca o binarismo de ser homem ou mulher e aponta que, em qualquer tempo o sujeito seguirá angustiado com a impossibilidade da relação sexual. Temos nesse texto uma orientação clínica precisa: “ocupar a função de analista é instalar no corpo, como semblante, aquilo que fala, dando lugar ao que o sujeito inventou para ocupar a impossibilidade de escrever a relação sexual”. E aponta para a questão do corpo que goza e de um dizer atrelado a pulsão. Para discutir o Eixo 4: *O corpo “fora do discurso”*, Ana Tereza marca o abrupto do real e a urgência decorrente diante de um “fora de discurso”, porém não fora da linguagem, e a possibilidade de advir um dizer que aponte para além do coletivo e da defesa, que aponte para uma relação absolutamente singular com o inconsciente e com o corpo. Corpo que na psicose está fora do discurso e na neurose está não-todo no discurso, retornando como acontecimento de corpo, faltoso, entremeando linguagem e carne.

Ao ler com uma lupa os dois trabalhos e tecendo novas questões e aberturas que nos colocaram em debate na segunda preparatória do dia 17 de agosto, Flávia Cera encerra suas pontuações com a seguinte questão: “poderíamos pensar que o discurso analítico seria uma forma de laço social que, por incluir um furo no saber, mantém vivo o questionamento dos universais que sempre se estabilizam aprisionando os corpos em variadas formas de segregação?” E, para



Lygia Clark

*Óculos*, objetos sensoriais, 1966.

Crédito: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/62190/20033-jpeg>

mim, durante a discussão desses trabalhos, ressoou a questão do real que é nossa baliza e que faz com que o discurso analítico possa perdurar.

Em *Notas e Tons*, dois textos: “Do acontecimento de Um-gozo à clínica acontecimento” e “O corpo não aprisionado pelo discurso”. No primeiro, Eliane Costa Dias toca diretamente a questão dos “restos”, significante que está incluído no título do Encontro quase como uma indicação de por onde o discurso analítico pode operar. Em um texto fundamental e orientador da clínica, ela afirma que “se o Um do gozo itera, ele parece estar nos restos, nos pequenos e divinos detalhes deslocados na cena, soltos na fala, apreensíveis na estranheza, no desconforto, na tolice, na equivocidade”. No segundo texto, Bartyra Ribeiro de Castro faz coro com uma pergunta levantada na última preparatória: e o autista, como localizá-lo no discurso? Onde ele está? O texto dialoga com a inquietação ao trazer para o debate a hipótese de uma *a-estrutura* com a emergência de um S1 sozinho. Ao não assentir ao Outro simbólico, o autista não encarna a linguagem e não articula S1 e S2, estando, portanto, fora do discurso. Poderíamos falar de *fa-lasser*? De *lalíngua* sem tradução simbolizável? A partir do desenvolvimento de que o Um não se remete ao Outro, novamente, estamos diante de um indicador clínico: “visar a passagem da iteração à repetição”.

Em *...dizeres e suas reverberações*, o leitor encontrará os textos “O feminino em nós” e “Guarda os pensamentos sobre o meu corpo para si mesmo!” No primeiro, Cristiane Grillo desenvolve questões sobre o gozo feminino e sobre o uniano do gozo onde a lógica demonstra que não são dois sexos mas, sim, Um e seu corpo mediante a inexistência da relação sexual. Destaca uma questão contemporânea que é o abecedário dos gêneros que não dão conta de nomear esse gozo opaco e feminino. No segundo, Veridiana Marucio fala da clínica contemporânea e seus impasses: de que corpo falamos? o que a psicanálise nos ensina sobre esse corpo? a relação de adoração permanece em ter um corpo ou ser um corpo? Recorre a Joyce e seu corpo para esse debate. Vale a leitura!

Em *Arte e Cultura*, “Notas sobre Lygia Clark: corpo e fantasma”, texto escrito por Flávia Corpas, traz a pergunta ímpar: de que corpo se trata na obra da artista? Ao afirmar não haver separação entre sujeito e objeto, a artista propõe uma relação do espectador-autor com o objeto *a-rte*. Convido o leitor a se arriscar a pensar que uso Clark fez da banda de Moebius.

Eis aqui o tom de nosso quinto boletim. Espero que vocês tenham a “sorte” dessa leitura! E um até breve, aqui em São Paulo, e ainda bem ...com nossos restos

## EIXOS TEMÁTICOS

### Eixo 3: O real da sexuação e o dizer da análise

Mirmila Alves Musse (EBP/AMP)  
Coordenadora da Comissão Científica

Por longo tempo, falei sobre o hiato entre o corpo e a mente. [...] Qual o momento em que o corpo entra na mente, ou a mente entra no corpo? Não sei, estava obcecado. Como? [...] Como um fato biológico torna-se espiritual? De que forma há um compartilhamento entre corpo e mente? [...] Eu tinha sido levado a pensar nisso, observando que a biologia considera que essas ondas estão no cérebro; fui levado a pensar que o pensamento, ou a inteligência, era uma espécie de onda projetada, uma onda direcionada para fora, mas a linguagem [...]

Este fragmento é parte de uma apresentação de paciente realizada por Lacan em 1976<sup>1</sup>. Seguindo a pista dessa entrevista, inferimos pelo paciente que a linguagem faz barreira em atestar que biologia e a ciência justificam o hiato entre mente e corpo.

A linguagem enquanto discurso instaura o laço social, e isso é semblante. O dito é outra coisa: ele funda um fato e, se quisermos, todos os fatos. É a função da fala, não ela em si, que permite acessar o inconsciente. A linguagem é uma estrutura lógica e falar dela por ela mesma é metalinguagem, ou seja, ficção. Lacan desloca esse significante: a linguagem como meta é efeito da sexualidade. Ele se pergunta: “Será que o ser falante é falante por causa de alguma coisa que sucede com a sexualidade, ou será que essa alguma coisa sucede com a sexualidade porque ele é o ser falante?”<sup>2</sup>. A linguagem funda a sexualidade na medida em que coloca a problemática no binarismo do que é ser homem ou mulher.

Os valores sexuais sociais determinam, não importa em que tempo, o que é ser homem ou mulher com atributos aceitos por uma língua, mas que podem ou não serem aceitos pelo sujeito. Esses valores designam um modo de gozo universal baseando-se na diferença binária da sexualidade. Por outro lado, o discurso do mestre, seja na época do patriarcado, seja atualmente,



Lygia Clark

*O dentro é o fora*, 1963.

Crédito: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/118/o-dentro-e-o-fora>

1 Lacan, J. Uma psicose lacaniana: entrevista conduzida por Jacques Lacan. *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 26/27, p. 8, 2020.

2 Lacan, J. *O seminário*, livro 19: ... ou pior. (1971-1972) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012. p. 93.

sempre negou e negará o inconsciente. Essa é a base do discurso do mestre. Por isso, também não importa a que tempo, haverá sempre um mal-estar do sujeito que continuará se angustian- do com o impossível da relação sexual.

São os semblantes e a inscrição de um discurso que abrigam um gozo para todos que estão em xeque nesse momento. Poderíamos dizer que o declínio de um ideal universal é responsá- vel pela “crise do binarismo”<sup>3</sup>? Ou o binarismo ainda é a lógica que sustenta esse discurso? Os sintomas contemporâneos continuam signos da não relação sexual? Ou ainda, como questiona Miller na entrevista com Éric Marty sobre o livro *Les sexes des modernes*<sup>4</sup>, o significante gênero substituirá o significante sexo?

O futuro não será cor-de-rosa, diz Lacan, assim como o do patriarcado também não foi, pois sempre haverá quem assombre a família. Se não é mais o pai, “[...] vai-se encontrar coisa melhor”<sup>5</sup>. Nesse momento de evaporação do pai, Miller<sup>6</sup> descreve três posições do analista: os fundamenta- listas que acreditam no simbólico da tradição; os parasitas que consolidam um refúgio imaginário; e os progressistas com a crença e a adesão ao real da ciência. Respectivamente, os três tentam reconstruir a “inconsistência do papai”; a convicção de que nada aconteceu e que o inconsciente é eterno; e os que tentam “arregimentar a psicanálise conforme o real da ciência”. Há uma quarta posição: avalizar a enunciação do sujeito, questionando o efeito da estrutura do discurso. Já que o que se fala não é o sentido, a verdade ou o enredo, ocupar a função de analista é instalar no corpo, como semblante, aquilo que fala, dando lugar ao que o sujeito inventou para ocupar a impossibi- lidade de escrever a relação sexual. A linguagem poderia ser descrita como Chico Buarque des- creve seu último livro: “um papel de parede reproduzindo o que ele ao mesmo tempo esconde”<sup>7</sup>.

\*\*\*

Com o Complexo de Édipo, Freud propõe uma ordem simbólica a partir do mito determi- nante de como cada sujeito escolhe uma identificação sexual. Lacan, em 1958, retoma a lógica binária freudiana e conceitua a sexuação. Tanto do lado masculino quanto feminino, a diferença não é anatômica, mas baseada na lógica da presença/ausência do falo e da significação fálica. Ter ou ser o falo supõe simbolicamente o universal da castração. Por outro lado, a psicanálise nunca estabeleceu uma simetria entre os sexos. Pelo contrário, o descompasso do corpo com a sexualidade faz a psicanálise existir.

A tríade dos seminários 18, 19 e 20 formaliza a sexuação pela lógica do gozo e faz o binarismo deixar de existir<sup>8</sup>. A lógica de uma programação do gozo indetermina os significantes “homem” e “mulher” e a linguagem não assegura sua existência – isso é proibido por sua própria estrutura.

3 Fajnwaks, F. Erosão do binarismo e ascensão do fluido. In: FAJNWAKS, F. *Despatologizar o sujeito trans e outros ensaios lacanianos*. Belo Horizonte: Scriptum, 2023. p. 52.

4 Miller, J.-A. Entrevista\* sobre Le sexe des Modernes. Disponível em: [https://www.ebp.org.br/correio\\_express/2021/04/14/entrevista-sobre-le-sexe-des-modernes/](https://www.ebp.org.br/correio_express/2021/04/14/entrevista-sobre-le-sexe-des-modernes/)

5 Lacan, 1971-1972/2012, *op. cit.*, p. 200.

6 Miller, J.-A. Uma fantasia. Disponível em: <https://2012.congresoamp.com/pt/template.php?file=Textos/Conferencia-de-Jacques-Alain-Miller-en-Comandatuba.html>

7 Buarque, C. *Bambino a Roma*: ficção. **São Paulo**: Companhia das Letras, 2024. P.81

8 Bassols, M. Fundamentos da sexuação em Lacan. *Latusa*, EBP – Seção Rio, n. 26, 2022.

Mesmo nos banhando nela, é o real que comanda a função da significância<sup>9</sup>. A impossibilidade da sexuação se faz no lugar da falta de significância, é ali que o gozo perturba, fisga, aprisiona e parasita o corpo. Se há corpo, há gozo; se há um dizer é porque a pulsão permite que esse dizer seja sentido no corpo como um eco<sup>10</sup>.

O gozo do corpo fala quando se fala. A linguagem funciona, “desde a origem, como suplente do gozo sexual. Através disso ela ordena a intromissão do gozo na repetição corporal”<sup>11</sup>. Se quisermos saber a diferença entre ser homem ou mulher não devemos procurar no sexo, nem na linguagem, mas no gozo. Por isso, para a psicanálise, não existe segundo sexo<sup>12</sup>.

\*\*\*

Com o declínio da função paterna, cada ser falante incorpora a exceção daquilo que em outros tempos universalizaria o gozo. Se a concepção de “gênero” na atualidade questiona a lógica binária, é a posição feminina que faz essa questão para psicanálise, por ser também estruturada pela lógica da exceção. Por exceder à medida fálica, o feminino faz objeção ao binarismo do falo e da castração que operaria, como metáfora, a diferença sexual.

Na apresentação de um paciente antes referida, depois de fazer referência à maquiagem de uma das mulheres que estavam na plateia, Lacan pergunta:

- Você algum dia já se maquiou?

- Sim, aconteceu de eu ter me maquiado. Aconteceu quando tinha 19 anos, porque tinha a impressão de que o sexo encolhia e, ao mesmo tempo, desejava saber como era uma mulher, tentava entrar no mundo de uma mulher. Na psicologia de uma mulher, na formulação psicológica e intelectual de uma mulher. Era uma esperança e uma experiência. [...] É na esperança de que fosse experiência.

O paciente sabe que seu sexo nada lhe garante sobre sua posição sexual. Ele recorre ao que nos tempos idos era signo do feminino, na esperança de acessar o mundo da mulher.

A lógica feminina marca a impossibilidade de fazer com que o Outro seja um orientador determinante da sexuação do *Um*, porque não se deixa, toda ela, ser capturada pelo significante. O *Um* é a diferença absoluta, não aceita um atributo, uma classe, um predicado, e não crê tanto assim no semblante. O *Um* é como Miller nomeia o gozo verdadeiro no curso *O Um Sozinho*. Nesse sentido, Lacan dirá que o ser sexuado, assim como o analista, “não se autoriza senão de si mesmo... E de alguns outros.”<sup>13</sup>

Ou seja, não é porque o discurso contemporâneo não acredita mais no Outro que a sexuação passou a corresponder a uma modalidade de gozo. A psicanálise também nunca acreditou que esse Outro poderia responder a diferença sexual: “O Outro só se apresenta para o sujeito em uma forma a-sexuada”<sup>14</sup>. Se não há Outro para situar o gozo, ele passa a ser o próprio corpo.

9 Lacan, 1971-1972/2012, op. cit., p. 29.

10 Lacan, J. *O seminário*, livro 23: *O sinthoma*. (1975-1976) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 18.

11 Lacan, 1971-1972/2012, op. cit., p. 42.

12 Lacan conta sobre sua discordância com Simone de Beauvoir no Seminário 19, p. 93.

13 Lacan, J. *O seminário*, livro 21: *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Aula de 9 de abril de 74. Inédito.

14 Lacan, J. *O seminário*, livro 20: *Mais, ainda*. (1972-1973) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 135.

O *Um* é o orientador da investigação clínica na medida em que determina a diferença absoluta da sexualização. É a programação de gozo que vai sustentar a diferença sexual, na tensão entre o real da sexualização e o dizer em análise. Miller afirma que o Seminário 19 é “O pensamento radical do *Um-dividualismo* moderno. A tentativa de um discurso que partiria do real”<sup>15</sup>. Esse termo reúne o gozo do *Um* e o significante “indivíduo”, caracterizado por uma estrutura de pensamento indivisível e determinado pela certeza de um dizer. O *Um-dividualismo* parece ser uma questão mais para o analista do que para o paciente: a certeza de “se dizer” identificado a um sexo fecha as portas para qualquer dialética e divisão subjetiva na lógica discursiva. Como o analista acolhe e maneja o discurso da certeza? Como ele toma o gozo como orientador da interpretação? Mais uma vez estamos diante da interpretação e suas implicações sem efeito na lógica discursiva.

Alguns vídeos do canal *Lacan Web TV*, no YouTube, se dedicam a pensar o *Um-dividualismo* e abordam a diferença entre o particular e o singular. O primeiro, mesmo determinado por uma certeza, permite fazer laço, reconhecendo uma semelhança (mesmo que imaginária) em certo traço de gozo. Há um  $S_1$  comum que agrupa coletivos, pede reconhecimento do Outro ao mesmo tempo que exclui o diferente. Já o gozo do lado do singular organiza a existência do sujeito em seu sintoma, em sua fantasia e em sua diferença absoluta.

Com isso, voltamos sempre ao mesmo lugar, *en-core* e *en corps*, de novo no corpo. A identidade não é um conceito para a psicanálise, mas é determinante, mesmo que imaginariamente, para aquele que chega ao consultório. Como o analista pode ser dócil ao discurso e manejar essa fixidez do gozo? Como localizar o gozo imaginário que se apresenta associado à imagem corporal nas questões do sexo? Nas performances das imagens que velam e se fazem velar? No gozo da falação do simbólico que introduz o vazio e opera a fala? E no real, que retorna no corpo<sup>16</sup>?

A nomeação de uma escolha sexual é acompanhada de um predicado ou adjetivo: um homem feminino; um homem hetero-macho; uma mulher empoderada; a necessidade de se afirmar sexualmente em um lugar de pertencimento; o começo da vida sexual; a relação tóxica etc. Como esvaziar os sentidos do discurso para se chegar em uma nomeação? Como diz Carlos Drummond de Andrade: “Se ficar indeciso entre dois adjetivos, jogue fora ambos, e use o substantivo”<sup>17</sup>. O predicado que o sujeito acopla à sua existência, a seu des-ser, só nos interessa na medida em que se apresenta como estrutura de um discurso para revelar um modo de gozo.

Como o analista maneja e quais impasses ele encontra nessa passagem do particular para o singular? Quais arranjos possíveis o sujeito encontra para se nomear um ser sexuado? Como localizar o objeto na função de obturar o gozo que o vazio implica? E para fazer ou não laço social? Como esse traço de gozo no discurso da identidade é determinante para a escolha de um analista? E como manejá-lo? O que o analista pode fazer com isso? Como sair da demanda do reconhecimento social das comunidades de gozo para o singular da diferença absoluta? Como o gozo, condensador do objeto  $a$ , enoda os registros real, imaginário e simbólico?

15 Lacan, 1971-1972/2012, *op. cit.*, texto da contracapa.

16 Miller, J.-A. As prisões do gozo. *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 54, p. 13-26, 2009.

17 Andrade, C. D. A um jovem. In: ANDRADE, C. D. A bolsa & a vida: crônicas. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962. p. 117.



## Eixo 4: O corpo “fora do discurso”

Ana Tereza de Faria Groisman (EBP/AMP)  
Integrante da Comissão Científica

A experiência analítica nos ensina que todo discurso se organiza sobre um fundo de real. O aforisma laciano “não há relação sexual” nos remete ao fato de que não há proporção entre os gozos, há sempre um impossível de se escrever em todo laço com a linguagem. Então, a questão que nos põe a trabalhar desde sempre é: como agir com seu ser para tocar o Um da existência?

Nosso meio de ação é a palavra e tudo que ela engendra. O silêncio, o som, o corte e o tempo, são elementos que compõem a interpretação, formas de intervir com a palavra numa tentativa de fisgar o gozo que escapa à linguagem. Segundo Tarrab, “A interpretação é necessária como resposta ao abrupto de real, uma urgência diante de um fora de discurso”<sup>1</sup>. Porém, o “fora de discurso” não está fora da linguagem, e por isso pode ser apontado. Supomos que, em análise, em meio aos ditos, um dizer pode advir como “abrupto de real”<sup>2</sup>.

Miller nos lembra que o corpo falante é efeito do laço entre o inconsciente como estrutura de linguagem e a pulsão e tem sua origem no efeito da fala sobre o corpo<sup>3</sup>. O inconsciente estruturado como linguagem se organiza como defesa ao inconsciente real, é uma elucubração de saber sobre o que reverbera de lalingua.

Na neurose, o discurso é um laço com o Outro que aprisiona o corpo, mas não todo o corpo é fisgado por ele. O sujeito inconsciente, os significantes que o localizam e o objeto que o atordoa giram de forma ordenada, circunscrevendo os pontos de articulação e impasse entre eles.

Um maquinário passível de modificação pela interpretação que a cada vez incide sobre ele e denuncia seu caráter de semblante, redobrando o ponto de impossível inerente à estrutura de qualquer discurso: pelo saber não se aborda a verdade do gozo. Pois, como nos ensina Lacan, “o real não é para ser sabido”<sup>4</sup>.

Para Lacan, só há análise se chegamos à impossibilidade de governar aquilo que não



Lygia Clark

*O dentro é o fora*, 1963.

Crédito: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/118/o-dentro-e-o-fora>

1 Tarrab, M. Interpretação. *Scilicet – As psicoses ordinárias e as outras: sob transferência*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2018. p. 223.

2 Agradeço a Oscar Reymundo, Mais-um do Cartel de que participo, que, ao ler meu texto, fez a pergunta-chave: “Um dizer pode ser lido como um abrupto de real?”.

3 Miller, J.-A. Habeas Corpus. *Scilicet – As psicoses ordinárias e as outras: sob transferência*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2018. p. 13.

4 Lacan, J. Radiofonia. (1970) In: LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 442.

se deixa dominar. Cada discurso tem sua impossibilidade, seu agente e sua verdade oculta. A passagem da impotência à impossibilidade de um saber sobre a verdade: essa é a barra que o inconsciente impõe<sup>5</sup>.

O maquinário discursivo estabelecido por Lacan no Seminário 17 nos serve como um precioso instrumento de trabalho clínico. O que orienta esse discurso, de que lugar ele fala, a quem se dirige, o que ele produz como mais de gozar e, sobretudo, qual é a verdade em causa que permanece oculta? São perguntas que nos orientam, em relação à neurose, quando estamos em posição de escuta ativa.

O discurso do analista é produzido no dispositivo analítico como efeito da interpretação. Sua intervenção produz no sujeito uma nova relação com os significantes-mestres, que outrora o petrificavam. No discurso do analista, eles se deslocam do lugar de causa (de saber, de sofrimento, de aprisionamento) para o lugar de uma produção discursiva disjunta do saber, que nos demais discursos, se acoplaria a eles.

Isso que nos orienta na clínica é eficaz para lermos a subjetividade da nossa época? Podemos, com esse maquinário, interpretar o laço social coletivamente?

Freud, em “Psicologia das massas e análise do eu”, nos autoriza a ler as massas como a reunião de várias subjetividades, levando-nos a concluir que o que vale para o sujeito do individual pode ser aplicado ao coletivo<sup>6</sup>. Nesse sentido, estaríamos em posição de escuta se tomarmos o discurso de nossa época a partir das balizas que nos orientam na clínica. É uma tentação e talvez uma proposta para fazermos uma leitura sobre os discursos que dominam a atualidade ou de grupos específicos. Porém, é preciso ter cuidado e não esquecer que o psicanalista, enquanto função, está incluído no discurso analisante e autorizado a interpretar pela transferência, é de dentro que algo pode ressoar como interpretação. Por isso, é importante perguntar: o que nos autoriza na relação com a cultura? O que recolhemos em nossos consultórios, além de nos orientar na escuta singular de cada sujeito, pode cernir algo de particular de nossa época?

A questão que a psicanálise denuncia e talvez por isso entendemos ser o único discurso que não visa à dominação, é o caráter de semblante que sustenta qualquer discurso. Como afirmou Lacan, “tudo que é discurso, só pode dar-se como semblante, nele não se edifica nada que não esteja na base do que é chamado significante”<sup>7</sup>.

Ao tomarmos cada discurso como um laço entre a linguagem ( $S_1 - S_2$ ) e o corpo ( $\$ - \alpha$ ), como podemos pensar as psicoses e os desenlaces com o corpo, com a linguagem e a consequente ruptura do laço social que se produz? O psicótico está na linguagem. Porém, ao afirmarmos que a linguagem não morde o corpo, podemos dizer que ele está no discurso?<sup>8</sup> O que

5 *Ibidem*, p. 445.

6 Freud, S. A psicologia das massas e a análise do Eu. (1921) In: FREUD, S. *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 137. (Obras incompletas de Sigmund Freud)

7 Lacan, J. *O seminário*, livro 18: *De um discurso que não fosse semblante*. (1970-1971) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. p. 15.

8 Eixos temáticos. Disponível em: <https://encontrobrasileiroebp2024.com.br/index.php/o-encontro/eixos-tematicos/>.

prende o sujeito psicótico ao corpo que habita é da ordem de um dizer? Esperamos recolher exemplos clínicos que possam nos ajudar a seguir nesse caminho de pesquisa.

As psicoses, assim como a psicanálise, embora por vias distintas, denunciam o fracasso que se inclui em todo semblante. Ao tentarmos dar conta do Real pelo simbólico, há sempre um resto, que separa o corpo e a linguagem. Mirmila acabou de nos brindar com um belo exemplo disso a partir da fala do paciente entrevistado por Lacan.<sup>9</sup>

Aproveito a referência que ela nos traz para tentar ilustrar os efeitos da língua sobre o corpo, fora do dispositivo discursivo da neurose. Além do trecho já destacado por ela, em outros momentos da mesma entrevista o paciente deixa clara sua relação estrangeira com a linguagem, que o invade sob a forma de “falas impostas”, diz estar submetido a um “sistema anárquico”, onde imagens passam sem que possam ser formuladas e palavras deslizam umas sobre as outras, criando neologismos fora do sentido comum. Ele está isolado num mundo “sem fronteiras”: “o que passa pelo meu cérebro é ouvido por certos receptores telepatas”<sup>10</sup>. Tudo isso dificulta bastante seu convívio em sociedade: dizer-se poeta e renomear-se como um pássaro raro são recursos insuficientes para fazer borda ao real que o invade. Lacan, ao final da entrevista, parece pouco otimista em relação ao que se pode esperar desse paciente.

Quando abordamos a clínica das psicoses, a conceituação do dispositivo analítico como um discurso nos deixa em solo arenoso; o que antes parecia nos colocar em uma boa posição, aqui nos faz vacilar, não recuamos, mas precisamos encontrar novas balizas de orientação. A virada conceitual que começa a se desenhar no Seminário 20, com suas rodinhas de barbante, é fundamental para nos reorientar na clínica em direção ao real<sup>11</sup>.

No Seminário 23, Lacan aproxima o nó borromeano da esfera armilar, antigo instrumento de navegação, fundamental na orientação das rotas marítimas<sup>12</sup>. Gosto de pensar na topologia dos nós como algo similar, um importante instrumento de leitura que nos indica um caminho. Sobretudo na clínica das psicoses, mas não só. O nó é também pensado como um laço que localiza o objeto, o falasser e seus campos de gozo. Com ele, podemos cernir, a partir da amarração borromeana, o que aparece para cada sujeito como fruto do laço entre o corpo, a linguagem e o gozo.

Os campos de interseção entre os registros localizam a incidência do gozo, suas bordas e suas sombras. O gozo do sentido, o Gozo fálico e o gozo do Outro, assim como os efeitos de inibição, sintoma e angústia que se produzem como respostas à invasão desses gozos, são localizados a partir do lugar que cada sujeito costura para si em sua relação com o objeto que o determina. O Nome-do-Pai e o significante que o representa ( $\Phi$ ) são semblantes que organizam o laço com o Outro. Elementos que nas psicoses estão forcluídos, restando a cada um inventar à

9 Mirmila Musse, membro da EBP/AMP, apresentou um texto na mesma ocasião.

10 Lacan, J. Uma psicose lacaniana: entrevista conduzida por Jacques Lacan. *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 26/27, p. 11,12 e 13. 2020.

11 Lacan, J. *O seminário*, livro 20: *Mais, ainda*. (1972-1973) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 160.

12 Lacan, J. *O seminário*, livro 23: *O Sinthoma*. (1975-1976) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. p. 35.

sua maneira o que poderá fazer função de barra e suporte no laço com seu corpo e com o mundo que o circunda.

O que faz função de laço com a linguagem, qual o objeto em questão e o que estabiliza o corpo, para cada sujeito, são questões fundamentais que nos orientam na clínica das psicoses.

No desenho do nó, podemos demonstrar o que faz função de limite para cada campo de gozo. Assim, se o simbólico é o que enlaça o real e o imaginário, é também o que fura o gozo do Outro. Ao mesmo tempo, o laço entre imaginário e simbólico, campo dominado pelo sentido, encontra no real seu limite. Por fim, o que mais nos interessa aqui, se abordamos o nó pelo que enlaça o simbólico ao real, é o imaginário como corpo que escapa no gozo fálico.

Se tomarmos de forma bem reduzida, o simbólico como furo, o real como o gozo que existe e o imaginário como corpo que suporta a inscrição de ambos, somos levados a concluir com Lacan que o gozo fálico é um gozo experimentado fora do imaginário do corpo.

O corpo imaginário responde à consistência mental que temos dele, sabemos que não somos um corpo, mas acreditamos tê-lo, o que nos permite adorá-lo, manipulá-lo, customizá-lo em conformidade com a época, ou em caso de competências extraordinárias, lançá-lo em triplos mortais carpados.

Porém, o gozo fálico como paradigma do gozo fora do corpo nos lembra que esse corpo “cai fora a todo instante”, o que revela que nem somos, nem temos um corpo. Isso nos obriga a um trabalho psíquico com a fala, para enlaçar esse gozo à consistência mental que temos do corpo<sup>13</sup>.

Então, se na psicose nos deparamos com um corpo fora do discurso, na neurose concluímos que não todo o corpo entra no discurso, há algo que escapa e retorna sob a forma de um acontecimento, fora do campo do sentido. Como bem disse Caretto, “Um acontecimento de corpo se situa sempre no cruzamento e no encontro contingente e sempre faltoso entre a linguagem e a carne”<sup>14</sup>.

Aqui, podemos incluir, como exemplos, a perda do olhar que a criança contingencialmente experimenta, fazendo-a desaparecer frente ao Outro, ou as primeiras ereções registradas pelos meninos em seu corpo. A fobia de Hans, por exemplo, foi o tratamento espontâneo que encontrou para alojar esse gozo invasivo e manter-se íntegro à sua maneira.

Para concluir, trago uma cena de um menino que aos 3 anos, enquanto brincava sozinho, exclamou: “Quê que esse piru tá grande?!” Uma fala que não foi dirigida a ninguém. Porém, no mesmo dia, dirige-se ao pai e aponta para seus braços, pernas e pé dizendo: “Você viu como meu braço cresceu? E essa perna, viu como tá grande? Olha esse pé que enorme!” Assim, o pequeno macho pode restituir para si, através da fala e aos olhos do Outro, a unidade de seu corpo, fazendo-o crescer por inteiro na tentativa de dar lugar ao gozo que irrompe para além dos limites previstos.

13 *Ibidem*.

14 Carreto, S. Acontecimento (e gozo do corpo). *Scilicet: O corpo falante: sobre o inconsciente no século XXI*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016. p. 33-34.

## Comentários dos eixos 3 e 4

Flávia Cêra (EBP/AMP)

Agradeço à organização do XXV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, à Comissão Científica, à Ana Tereza e Mirmila, por poder conversar<sup>1</sup> com e sobre os desdobramentos dos eixos de trabalho do tema “Corpos aprisionados pelos discursos... e seus restos”, que, desde o começo, ressoa para mim a incidência clínica e política da prática analítica. Vou por aí nos comentários aos textos.

Começo partindo do texto da Mirmila no ponto da crise do binarismo. A crise da diferença sexual como erro comum, que designava homem ou mulher a partir do sexo biológico, o ideal universalizante que aprisiona os corpos, de que Lacan falava também no Seminário 19. Esse ideal universal passou a ser mais facilmente questionável e vem sendo feito de várias formas, desde a criação de discursos que vão dando sustentação à circulação dos corpos que escapam à norma a intervenções nos corpos que podem ou não estar inseridas em um discurso. De todo modo, parece-me que as soluções para os impasses desta crise são pelas suturas. Estas, por sua vez, fazem as vezes de agarrar os corpos em discursos, oferecem identificações ou identidades para que a exclusão, a violência, o desaparecimento não sejam os únicos destinos. Eventualmente, mas não necessariamente, ordena o gozo e o corpo. A questão é que, muitas vezes, toma-se a partir daí uma série de determinações que tornam a aprisionar um gozo que não se domina.

Parece-me que é por isso que Mirmila aponta, já de saída no seu texto, para o hiato, depois para o descompasso, para a indeterminação do programa de gozo que não atribui roteiro para ele conforme o sexo biológico, para a inexistência da relação sexual que também abre o texto da Ana Tereza. Mirmila aponta para a falha estruturante entre corpo e discurso não importa a estrutura e são esses pontos que interessam na experiência analítica, é isso, diz Mirmila, que faz a psicanálise existir. Essa passagem da vacilação das certezas, das determinações, é sempre um ponto muito vivo na clínica e Mirmila coloca isso a partir de uma posição: “avalizar a enunciação do sujeito, questionando o efeito da estrutura do discurso. Já que o que se fala não é o sentido, a verdade ou o enredo, ocupar a função de analista é instalar no corpo, como semblante, aquilo que fala, dando lugar ao que o sujeito inventou para ocupar a impossibilidade de escrever a relação sexual”. Gostaria que você falasse um pouco mais desse duplo movimento: avalizar a enunciação e questionar o efeito da estrutura. Achei muito interessante até porque introduz aí uma diferença entre a narrativa e a fala na sessão, ao mesmo tempo em que aponta para o lugar da interpretação.



Lygia Clark

O dentro é o fora, 1963.

Crédito: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/118/o-dentro-e-o-fora>

<sup>1</sup> Texto apresentado na segunda atividade preparatória do XXV EBCF, no Centro Sócio Econômico (CSE) da UFSC, em Florianópolis, no dia 17 de agosto de 2024.

Outra questão é no plano da escolha e da ideia de que o corpo é só construção em relação aos discursos. É verdade que para a psicanálise também há a incidência desses dois fatores na sexualização, mas para ela há um furo no saber, o que torna o ser uma indeterminação que, quando o pai evapora, se evidencia e, ao que parece, fica mais difícil de suportar no corpo, ou de encontrar algum suporte no corpo. “Há Um” das marcas no corpo, das marcas da língua, outra cena que resta e insiste, essa é a nossa aposta. Esse é o real da sexualização? Esse real, esse impossível da sexualização pela ausência da significância, é o que aprisiona o corpo ou o que resta impossível de aprisionar?

Gostaria de falar um pouco sobre a lógica feminina trazida por Mirmila. Ela se dá ali onde a relação turvada com o ser remete à opacidade do gozo apresentando a inconstância entre corpo e discurso. Como pensar a relação com o dizer, questão trazida também por Ana Tereza? Mirmila traz os desafios que temos diante das certezas das identidades e da fixidez do gozo. Parece-me que é aí que a lógica feminina pensada por Lacan, que o Um da diferença absoluta diz mais de perto sobre os “despoderes”<sup>2</sup> da psicanálise, sobre o que Lacan dizia do discurso analítico como o que não domina, porque isso que não se captura todo pelo significante é o que torna um sujeito inapreensível na totalidade da representação e inassimilável totalmente pelas categorias que aprisionam.

O texto da Ana Tereza vai tocar aí pelo ingovernável do gozo, daquilo que não se deixa dominar. Chamamos de impossível, dizemos que é o que escapa, o que irrompe, o que acontece. Então, uma pergunta seria: qual a diferença, se ela existe, entre o resto que se produz entre corpos e discursos (e que está no título Encontro) e o fora do discurso? Ana Tereza traz uma precisão importante: nossa ação, a da psicanálise é pela palavra. Então, o fora do discurso não está fora da linguagem, ele está fora do sentido, mas não fora da palavra. O que não quer dizer que haja um discurso pronto para que o gozo se aloje no corpo. Tomar, então, na dimensão do acontecimento, como Miller propõe a interpretação<sup>3</sup>, é uma via para que o fora do discurso se arranje com um dizer que pode, na superfície do corpo, inscrever um impossível que incida no campo dos possíveis. Ou ainda, a inscrição de algo novo que possa incidir no campo dos discursos estabelecidos. Então, se a psicanálise opera pelo “que nos corpos não é tomado pelo discurso”<sup>4</sup>, a interpretação e o discurso do analista partem do que está fora do discurso para produzir “uma nova relação com os significantes-mestres que outrora o petrificaram?” Nesse sentido, poderíamos pensar que o que está fora do discurso é o que interpreta o que está aprisionado?

Um ponto interessante de diferenciação proposto por Ana Tereza é o fora do discurso e o fora do corpo. O corpo fora do discurso não é o mesmo que o gozo fora do corpo. Aquele está desenlaçado do significante e este embaraçado com um significante. Ambos, entretanto, apontam para um mesmo lugar, para a relação do corpo com a fala e ambos estão fora do discurso. As irrupções de gozo mostram o imprevisto que acontece ao corpo, mesmo que fora do corpo, e que ele não é um suporte natural capaz de alojar esses acontecimentos. Nesse sentido, pen-

2 Cf. texto de Macêdo, L. Despoderes. *Revista Cythère. Revista da Rede Universitária Americana* (RUA), n.4. Outubro de 2021. Disponível em: <https://fapol.org/cythere/cythere-4/>

3 Miller, J.-A. O inconsciente e o corpo falante. Disponível em: <https://www.wapol.org/pt/articulos/Template.asp?intTipoPagina=4&intPublicacion=13&intEdicion=9&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=2742&intIdiomaArticulo=9>.

4 Argumento do XXV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano.

sar o dizer do analista, o corte e a interpretação, pode nos dar a pista de que o fora do discurso é, ele mesmo, a orientação no tratamento do gozo. Quando um acontecimento de corpo, uma irrupção de gozo sem sentido invade o corpo, como o dizer do analista pode localizar e participar dessa nova escrita do gozo? Inserir em um discurso? Isso seria, talvez, dominá-lo. Então, a partir do discurso analítico, quais os manejos para o fora do discurso? O exemplo do garotinho é fantástico: para alojar o gozo que não cabe no corpo nem na língua, que não corresponde ao seu sexo, é preciso fazer o corpo todo crescer com as palavras e sob o olhar o Outro, como assinalou Ana Tereza.

Por fim, uma breve conversa sobre o laço, a subjetividade da época e a coletividade interrogado pelas colegas. É interessante retomar a dimensão diferente de laço que Lacan propunha com o discurso analítico, a saber, um “laço social purgado de qualquer necessidade de grupo”<sup>5</sup> como ele diz em “O aturdido”, ali onde Lacan mobiliza justamente as identificações que Laurent nomeia mais tarde como des-segregativas<sup>6</sup>. Então, se por um lado, o discurso analítico mobiliza a lógica do não-todo, da opacidade, do singular, por outro, ele quer engendrar uma lógica coletiva do laço social que, a meu ver, já aparece no texto sobre o tempo lógico de 1945. Ali Lacan está tratando assimilação dos corpos pela asserção antecipatória de quem sabe e diz o que é não é um homem, ou seja, o que está fora, portanto, do discurso, do laço. Estaria aí uma protoversão do Discurso do Mestre?<sup>7</sup> Nesse ponto, Lacan retoma de Freud a relação entre individual e coletivo trazido também por Ana Tereza. É uma formulação conhecida e trabalhada por Éric Laurent no seu texto “Racismo 2.0” e que talvez converse com o futuro que não será cor-de-rosa, mas de racismo como apontado por Lacan no Seminário 19.

Uma coisa que é importante esclarecer é que a experiência analítica não visa tirar as pessoas de seus movimentos sociais, de suas lutas políticas, isso seria ter uma visão de mundo. A diferença absoluta, trabalhada por Mirmila, o que visa se obter em uma análise, não toma assento em um isolamento encastelado, ao contrário, ela inaugura uma nova forma de passar pelo Outro, um novo laço. A psicanálise, poderíamos dizer, não coloca em questão traumas como experiências coletivas, o racismo, o sexismo, por exemplo<sup>8</sup>. Ela quer saber *como* esses acontecimentos, *como* esses discursos incidiram no corpo e na vida de cada sujeito disposto a querer saber do seu sintoma, ou seja, *como* esses acontecimentos fizeram questão. Então, desse modo, um “dizer” nunca será só um Eu digo, um dito. Um dizer em análise, então, seria possível quando incluir uma indeterminação pulsional, que traz consigo um ponto sempre aberto que chamamos de opacidade, de fora do discurso, produzindo um acontecimento do dizer, como pontuava La-

5 Lacan, J. O aturdido (1972). In: Lacan, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 475.

6 Laurent, É. Política do passe e identificação dessegregativa. *Opção Lacaniana*, n. 82. São Paulo: Eolia, 2020.

7 Refiro-me a esta passagem de Lacan já tão conhecida e trabalhada entre nós. Destaco seu importante contexto deste texto que foi publicado no fim da II Guerra Mundial, em 1945. Portanto, os campos de extermínio estão presentes nessa formulação de Lacan: “1) Um homem sabe o que não é um homem; 2) Os homens se reconhecem entre si como sendo homens; 3) Eu afirmo ser homem, por medo de ser convencido pelos homens de não ser homem. Movimento que fornece a forma lógica de toda assimilação ‘humana’, precisamente na medida em que ela se coloca como assimiladora de uma barbárie e, no entanto, reserva a determinação essencial do [eu] ...”. Lacan, J. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada (1945). In: Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 213.

8 “O traumatismo pode se apresentar como uma experiência coletiva. Mas sua inscrição sobre a carne de cada um se fará, sempre, no singular.”. Cf. Leguil, C. Ilusão do nós, verdade do Eu (Je): abordagem lacaniana da identidade. *Opção Lacaniana on-line*, n. 22, março de 2017. Disponível em: [http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/humero\\_22/Ilusao\\_do\\_nos\\_verdade\\_do\\_eu\\_\(je\).pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/humero_22/Ilusao_do_nos_verdade_do_eu_(je).pdf)

can<sup>o</sup>? Por fim, poderíamos pensar que o discurso analítico seria uma forma de laço social que, por incluir um furo no saber, mantém vivo o questionamento dos universais que pretendem definir quem está dentro ou fora e que se estabilizam aprisionando os corpos em variadas formas de segregação?

---

9 Lacan, J. *O Seminário, livro 21, os não-tolos erram*. Aula de 15 de janeiro de 1974. Inédito.



## NOTAS E TONS

### Do acontecimento de Um-gozo à clínica acontecimento

Eliane Costa Dias (EBP/AMP)

*Deixemos o sintoma no que ele é: um acontecimento de corpo.*

(Lacan, 1976)<sup>1</sup>

O tema do XXV Encontro Brasileiro – a relação entre os discursos e os corpos – nos provoca muitas questões, entre elas: Como a palavra afeta os corpos? Quais os efeitos desse encontro? Qual o manejo d’isso na clínica?

#### 1. *Troumatisme* e acontecimento de corpo

O marco introduzido no ensino de Lacan pelo *Seminário, livro 19: ... ou pior*<sup>2</sup> nos aponta que a constituição do corpo e do falasser, assim como o advento do gozo, são da ordem do acontecimento e implicam o vazio.

O mistério pelo qual um pedaço de carne vivo torna-se corpo e ‘ser’ remonta a um trauma primordial localizável no momento em que a materialidade do significante, operando fora do sentido, impacta a materialidade do organismo, produzindo um acontecimento que assinala o *acontecimento de Um gozo* - “organismo, fluxo da vida e significantes se encontram e se enodam, fixando um modo único e imodificável de gozar. Lacan chamou essa amarração de *sintoma* e qualificou esse instante como *acontecimento de corpo*”<sup>3</sup>.

Essa marca de gozo não é uma impressão no corpo aos moldes do bloco mágico freudiano, mas uma “lembrança encarnada”. Lembrança que não é sensorial ou do pensamento, mas uma memória na carne de uma experiência de excitação, experimentada como estando aquém ou em excesso em relação a uma suposta homeostase natural.

Bernardino Horne esclarece como a incidência primordial do significante sobre o vivo tem um duplo efeito: por um lado, a satisfação do excesso, de um gozo excessivo, um “tsunami de gozo invasivo”; por outro, o gozo do vazio que se abre no *troumatisme*. Na bela metáfora de Bernardino: “o vazio que fica nas praias quando a água é esvaziada para formar a onda do tsunami. É o gozo do espiral sem fim da queda no vazio”<sup>4</sup>.



Lygia Clark

*Máscara abismo*, 1967.

Crédito <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/62439/20389-jpeg>

1 Lacan, J. “Joyce, o Sintoma”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 565.

2 Lacan, J. (1971-1972) *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

3 Frediani, M. S. “Acontecimento de corpo”. In: *Scilicet: Um real para o século XXI*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014, p. 39.

4 Horne, B.; Gurgel, I. *O campo uniano: o último ensino de Lacan e suas consequências*. Goiânia: Ares, 2022, p. 57.

Lacan apontou essa característica fundamental e fundante do *troumatisme* como o caráter “bífido” do significante Um. O que nos ajuda a entender que o trauma primeiro é bífido - vivifica ao mesmo tempo em que mortifica o corpo. Portanto, a satisfação dele decorrente, o gozo como tal, tem essa dupla potência: um gozo do excesso, mortífero, invasivo e desestruturante (como o tsunami); e um gozo, também do excesso, que vivifica o corpo, ainda que acéfalo. Na direção de um tratamento analítico, cabe a via da redução, sem dúvida, mas principalmente, o desafio da invenção de um saber-fazer com a potência vivificante dessa força impossível de negatizar e que nos mantém vivos, existentes, insistentes, talvez subversivos, talvez criativos.

Horne<sup>5</sup> chama a atenção para a necessidade de considerarmos que, embora os efeitos dessa complexa operação que está na base da constituição do falasser e que faz do corpo “o suporte do discurso”<sup>6</sup> sejam impossíveis de negatizar, eles não são imutáveis. O *sinthoma* deixa aberta a via para que *novos acontecimentos* façam iterar o gozo Um, podendo fazer advir “mutações” do gozo – mudanças no nível ou nos modos de gozo mobilizadas no encontro com o real, seja pelas contingências da vida, seja pela contingência do ato analítico.

## 2. Clínica Acontecimento

Na última lição do *Seminário 19*, Lacan pergunta: “Então, de que se trata na análise?”<sup>7</sup>

Como consequência de seu último ensino, transitamos em uma clínica cada vez mais orientada pelo modo de gozo singular de cada analisante.

Retomando a frase lacaniana em epígrafe, Miller enfatiza que precisamos extrair consequências dessa expressão utilizada por Lacan uma única vez e afirma que, na direção de um tratamento, para saber ler o sintoma, o analista é convocado a saber diferenciar as formações do inconsciente dos acontecimentos de corpo:

Com os acontecimentos de corpo, se trata de entidades que têm sentido de gozo, o que é totalmente diferente do sentido de desejo. (...) Quando há sentido de desejo, há comunicação, mas quando há sentido de gozo, há satisfação. (...) A distinção entre comunicação e satisfação remete à distinção entre linguagem e lalíngua.<sup>8</sup>

Miller sugere que poderíamos fazer uma tripartição da experiência analítica: no começo o trabalho com a verdade e o desejo, ao final uma satisfação singular. E entre os dois, mas desde o início, está o “líquido”, o gozo que passa entre os vãos do que é dito, escorre e, eventualmente, faz acontecimento. Acontecimento que não implica necessariamente fenômenos no corpo, mas manifestações que deslizam no trabalho de análise e apontam para o fato de que “as pulsões são no corpo, o eco do fato de que há um dizer”<sup>9</sup>. Se o Um do gozo itera, ele parece estar nos restos, nos pequenos e divinos detalhes deslocados na cena, soltos na fala, apreensíveis na estranheza, no desconforto, na tolice, na equivocidade.

5 Idem.

6 Lacan, J. (1971-1972) *Op. cit.*, p. 217.

7 Idem, p. 222.

8 Miller, J.-A. *Todo el mundo es loco*. Buenos Aires: Paidós, 2015, p. 214. (tradução livre)

9 Lacan, J. (1975-1976) *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 18.

A essa clínica orientada ao real e ao gozo, Miller propõe o termo *clínica acontecimento*. E é preciso notar que ele não diz “clínica do acontecimento”<sup>10</sup>.

Miller nos indica que o ato analítico tem a ver com o *acontecimento* e com o *imprevisto*. É, portanto, ele mesmo, um *acontecimento imprevisto*: tem a ver com saber fazer uso de um lapso, do *flash*, do instante em que algo do inconsciente real irrompe. No encontro com a surpresa, com a contingência, estar aberto para fazer advir o efeito-sujeito e fazer ressoar efeitos de gozo.

O que significa, então, que a abertura de um analista para operar nessa distorção do tempo e do espaço que é a contingência, depende dos efeitos de seu próprio e singular encontro com os “acontecimentos imprevistos”, desde sua posição de analisante. Na direção de uma experiência analítica, um analista não paga apenas com seu ser, paga também com o que é capaz de fazer dos fragmentos dessa pulsação que não cessa de percorrer e estremecer sua própria carne.

---

10 Miller, J.-A. (2015) *Op. cit.*, p. 214. (tradução livre)

## O corpo não aprisionado pelo discurso

Bartyra Ribeiro de Castro (EBP/AMP)

Não há sujeito fora da linguagem, mas o autista está fora do discurso<sup>1</sup>. Estas afirmativas de Lacan abrem um campo de debate sobre a estrutura autística.

No final dos anos 1990, Rosine e Robert Lefort publicaram, em *A distinção do autismo*<sup>2</sup>, o que puderam recolher da revisita ao caso de Marie-Françoise<sup>3</sup>, das leituras das autobiografias de autistas e das biografias de algumas figuras públicas, propondo o autismo como uma quarta estrutura psíquica. Distinta da neurose, da psicose e da perversão, sua principal característica seria a emergência do S1 sozinho, que não faz laço com S2, chegando a se poder pensar em uma *a-estrutura*.

Para podermos sustentar esta hipótese, precisamos das ferramentas do último ensino de Lacan: dos conceitos de S1 sozinho, de corpo falante e da pulsão como eco da linguagem no corpo, assim como do Um anterior ao Outro.

Assim sendo, quanto ao autismo, não se pode falar de sujeito do inconsciente. O sujeito do inconsciente é aquele que, tendo assentido ao Outro simbólico e às suas consequências, encarna a linguagem que lhe configura um corpo simbolizado, uma localização do gozo no corpo e a queda do objeto *a* como resto da articulação de S1 com S2. O autista, portanto, está fora do discurso.

Quanto ao autismo, só podemos falar de *falasser*. Tocado pelo eco do fato de que há um dizer, o autista ouve o murmúrio de *lalíngua*, sem tradução pela máquina simbólica. É uma linguagem feita para gozar, a céu aberto. Um simbólico sem sistema e sem significação, que é enxame de S1 e que, pela impossibilidade de incorporação, itera. A questão central, nos afirma Patrício Alvarez Bayón, é a materialidade sonora<sup>4</sup>: o significante ressoa no corpo sem localizar o gozo. Com o gozo difuso, há um corpo sem recorte das zonas erógenas, e não há destacamento completo da letra, nem um furo constituído.

Nesta investigação sobre o autismo, duas vertentes se apresentam. A primeira o toma como *a-estrutura*, conforme a leitura dos Lefort e de J.-A. Miller, segundo a qual há um S1 como itera-



Lygia Clark

Arquitetura biológica, 1968.

Crédito: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/63519/21886-jpeg>

1 Lacan, J. (1975). "Conferência em Genebra sobre o sintoma". In: *Opção lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo: Edições Eolia, n. 23, dez. 1998, p. 6-17.

2 Lefort, R.; Lefort R. *A distinção do autismo*. Tradução Ana Lydia Santiago e Cristina Vidigal. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

3 Lefort, R.; Lefort R. *O nascimento do Outro*. Salvador: Ed. Fator, 1984.

4 Bayón, P. A. *O autismo, entre alíngua e a letra*. Tradução Bartyra Ribeiro de Castro. Vitória: Ed. Cândida, 2024, p. 90.

ção, sem efeito de significação, em uma “metamorfose multiplicativa em um enxame”<sup>5</sup>. Um S1 bífido, que tem a cavilha do significante-mestre foracluída, que demarca um excesso, mas não uma falta – o que segue Lacan no *Seminário 19: ...ou pior*<sup>6</sup>. A segunda vertente toma a indicação de Lacan nas duas únicas vezes em que falou de autismo, referindo-se a um congelamento do significante. Esta vertente é tomada por Jean-Claude Maleval e considera que, no autismo, há um tempo da alienação congelada, em que o Um não se remete ao Outro.

Segundo Neus Carbonel, “a foraclusão do S1 no autismo supõe que o corpo está obturado, sem furos para indicar os orifícios da pulsão, sem fronteiras entre exterior e interior (...) que demarquem o exterior como sendo distinto, isto é, diferente e descontínuo de um interior”<sup>7</sup>.

O que faz a função de localização e de processamento do gozo é o estabelecimento de uma borda autística como defesa e mediação, por intermédio dos objetos autísticos, da constituição de duplos e/ou do estabelecimento de interesses específicos.

Assim, o autista é um *falasser* que entra na linguagem pela ecolalia, atravessado pelo enxame de *lalíngua*. São significantes reais, são signos, uma vez que se colam a um referente. O autista, pois, está em uma relação com a linguagem pelo signo, não pela articulação significante.

A língua dos signos é a marca de que o inconsciente freudiano não está fundado. Não há recalque, desejo, fantasia ou equivocidade significante. Trata-se de um inconsciente real, de uma relação com a linguagem pela via da alienação, sem separação. O S1 retido provoca uma alienação congelada que, igualmente retida, gera um congelamento do significante-mestre que itera, mas que pode, segundo Maleval, chegar a um descongelamento, promovendo uma “enunciação expressiva”, como testemunham os relatos autobiográficos de autistas de alto rendimento.

Maleval propõe que, a partir de um acontecimento traumático, opera-se um esvaziamento de gozo na borda autística. Algo se descongela no S1 e o *falasser* autista pode servir-se do significante para se expressar por uma enunciação<sup>8</sup>.

J.-A. Miller, no entanto, fala de uma iteração provocada por um algoritmo, fadada a retornar sempre ao ponto de partida, no mesmo tempo e no mesmo lugar, sem espaço, e propõe um matema para o autismo: (S1)<sup>o</sup> → S1 S1 S1 S1 ...<sup>9</sup>

Segundo Patrício Alvarez, o autismo está entre *lalíngua* e a letra, não na linguagem, uma vez que não está submetido às regras sustentadas pelas leis da metáfora e da metonímia. O autista estaria na linguagem somente se considerarmos *lalíngua* como a substância constituinte da linguagem, que banha o *falasser*.

Quando o *falasser* autista extrai de *lalíngua* uma letra, esta é inequívoca e não permite uma elucubração de saber, não permite a constituição da linguagem como um saber. Um dos sinais

5 Miller, J.-A. “Préface”. In: Maleval, J.-C. *La Difference autistique*. Paris : Ed. Presses Universitaires de Vincennes, 2021, p. 13.

6 Lacan, J. (1971-1972). *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 130.

7 Carbonel, N. Matinée du CERA, 17 de abril de 2024. Transcrição e tradução livres.

8 Maleval, J.-C. *La Difference autistique*. Paris: Ed. Presses Universitaires de Vincennes, 2021.

9 Miller, J.-A. “Préface”. *Op. Cit.*, p. 13.

mais observados no autismo – a fuga do olhar do outro, logo nos primeiros meses de vida – evidencia um efeito parasitário da linguagem sobre o *falasser* autista.

O autista é habitado pela linguagem sem fazer uma elucubração de saber sobre *lalíngua*. Sem o destacamento completo da letra, S1 não se liga a S2, mas pode vir a se ligar a outro S1, possibilitando-o sair da iteração infernal que tanto o toma em sua existência – e isto pode ser uma orientação de tratamento. Segundo Neus Carbonel<sup>10</sup>, é visar à passagem da iteração à repetição, isto é, a uma descontinuidade, à inserção do Outro, de um espaço, de um deslocamento, na busca da constituição de um circuito que não passe pelo mesmo lugar e que introduza uma temporalidade.

---

10 Carbonel, N. (2024). *Op.cit.*

## ...DIZERES E SUAS REVERBERAÇÕES

A consequência mais surpreendente extraída por Lacan é que “só há identificação sexuada de um lado”, e esse é o lado feminino, não-fálico: “Todas essas identificações estão do mesmo lado. Isto quer dizer que só uma mulher é capaz de fazê-las”<sup>1</sup>. Só uma, não todas, uma por uma, e sempre não-toda. A fórmula é fulgurante e não deixa outro lugar para a identificação sexuada, não sexual, que a posição feminina, singular, exceção sem regra, objeção de princípio à lógica fálica dos universais. Dito de outro modo: só desde a posição feminina se escolhe e se consente com uma identificação sexuada. Resta desdobrar, aqui, as consequências dessa nova lógica lacaniana da sexuação.

(Miquel Bassols “Fundamentos da sexuação em Lacan”. In: *Latusa 26: binarismo em crise – gênero e sexo nos tempos que correm*. Rio de Janeiro: EBP-Rio, n. 26, 2022, p. 42)

### O feminino em nós

Cristiane Grillo (EBP/MG)

No livro *La diferencia de los sexos no existe en el inconsciente*<sup>2</sup>, Miquel Bassols argumenta, seguindo Lacan, que há uma primeira lógica, a da diferença relativa entre os significantes, que funda a linguagem. O inconsciente é estruturado como linguagem, e o sujeito do inconsciente é representado por um significante para um outro significante. As diferenças relativas entre um significante e outro se desdobram nos binômios homem-mulher, hétero-homo, binário-não binário etc. O binarismo resultante da diferença entre os significantes estrutura a linguagem. Esta lógica universal mostra sua vertente segregativa, por mais (e quanto mais) que se tente escapar dela.

O axioma “não há relação sexual” inaugura uma nova lógica, uma vez que, aqui, não há diferença relativa entre os sexos. Passamos do campo do Um com o Outro para o campo do Um sem o Outro.

Nessa esfera de uma alteridade radical, se há um Outro, é o corpo, habitado por um gozo autista:

A não relação sexual quer dizer que não há dois. O “dois” não está no mesmo nível que há Um (il y a de l’Un), o “dois” está no nível do delírio. Não há dois, não há mais que Um que se repete na iteração. E ainda



Lygia Clark  
*Baba Antropofágica*, 1969  
 Crédito: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/62495/20462-jpeg>

1 J. Lacan. (1973-1974). *Le séminaire, livre XXI: Les non-dupes errent*, (não publicado)

2 Bassols, M. *La diferencia de los sexos no existe en el inconsciente*. Olivos: Grama Ediciones, 2021.

acrescentaria uma terceira fórmula: há o corpo. Nesse nível, estão em relação os dois “há” que devem ser pensados. Não são os dois sexos, e sim o Um e seu corpo.<sup>3</sup>

Essa nova lógica é a lógica da letra, do objeto  $\alpha$ , do feminino. Lógica que introduz a diferença absoluta, a singularidade, uma vez que não estamos mais no campo da diferença relativa e do universal do significante.

Seguindo Lacan, vemos que “A mulher, insisto, essa que não existe, é justamente a letra – a letra como significante de que não há Outro”<sup>4</sup>. Passamos da lógica binária do falo para o uniano do gozo, tomando essa expressão de Laurent<sup>5</sup>.

O rechaço à alteridade, ao feminino, pode provocar uma multiplicação de semblantes, de identidades, visando a borrar o infinito entre 0 e 1, entre centro e ausência. Aqui, vemos o abecedário dos gêneros, sempre insuficiente para se nomear o gozo opaco, o gozo sempre *queer*. Esse abecedário se contrapõe ao de uma letra só.

Diante do real do gozo, da inexistência da relação sexual, resta a cada um forjar uma solução *sinthomática*: a invenção de uma borda, de um nome singular para o gozo. A face real do objeto se escreve e o escrito tece a borda do real<sup>6</sup>.

E, ao autorizarmos o feminino em nós, podemos nos autorizar como seres sexuados e eventualmente como analistas, não sem alguns outro

---

3 Miller, J.-A. *El ser y el uno*. Olivos: Grama, 2016, p. 246.

4 Lacan, J. (1971). *O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 102.

5 Laurent, É. *El unarismo lacaniano y lo múltiple de las conductas sexuales*. Disponível em: <https://zadigespana.com/2021/01/05/el-unarismo-lacaniano-y-lo-multiple-de-las-conductas-sexuales/> (acesso em 10/07/24).

6 J. Lacan. (1973-1974). *Le séminaire, livre XXI: Les non-dupes errent*, (não publicado).



Em Joyce, só há uma coisa que exige apenas sair, ser largada como uma casca. (...) Essa repulsa refere-se, em suma, a seu próprio corpo. É como alguém que coloca entre parênteses, que afasta a lembrança desagradável. Ter relação com o próprio corpo como estrangeiro, é certamente, uma possibilidade, expressada pelo fato de usarmos o verbo ter. Tem-se seu corpo, não se é ele em hipótese alguma. (...) Mas a forma de Joyce deixar cair a relação com o corpo próprio é totalmente suspeita para um analista, pois a ideia de si como um corpo tem um peso. É precisamente o que chamamos de ego.

(Lacan, J. (1975-1976). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 146)

## Guarde os pensamentos sobre o meu corpo para si mesmo!

#vempterapiavctb #liberte-se

Veridiana Marucio (EBP/AMP)

Essa publicidade, encontrada nas redes sociais, mostra como está difícil de nos arranjarmos com o nosso corpo hoje em dia. Já que não podemos nos libertar do corpo que temos, pelo menos podemos fazer uma terapia para nos libertarmos da pressão social de buscar o corpo perfeito. Venha para a terapia você também, não fique de fora, e liberte-se do que você pensa que o outro pensa sobre seu corpo.

Enquanto isso, o que vemos na nossa clínica psicanalítica são casos extremos dessa dificuldade: dores intensas, anorexia, bulimia, automutilação, cicatrizes, além de problemas no sistema digestivo, no sistema respiratório, no sono, nos intestinos, na bexiga e na sexualidade.

Nesse sentido, ao valorizar a pluralidade do corpo, a psicanálise se mostra essencial para entender esses fenômenos. Então, o que a psicanálise nos ensinou sobre o corpo?

Se falamos do corpo, é porque o temos, mesmo que em alguns casos isso seja tão insuportável, a ponto de querermos nos libertar dele. Lacan insiste na dimensão do “ter” ligada ao corpo. Temos um corpo, não somos o corpo. Ao que isso se refere? Ao amor-próprio, à mentalidade como consistência mental e essa, especifica Lacan<sup>1</sup>, é a raiz do imaginário. É uma “espécie de amor primário, não pelo Outro, mas por si mesmo, um culto”<sup>2</sup>, acrescenta Jacques-Alain Miller.

A mentalidade consiste, portanto, em adorar seu corpo, e essa é “a única relação que o falasser tem com seu corpo”<sup>3</sup>. Miller diz que a relação, cuja inexistência Lacan formulou no nível sexual, ele a reencontra no nível corporal e, de certa forma, Joyce nos serve de exemplo: existe uma relação corporal<sup>4</sup>.

1 Lacan, J. (1975-1976). *O seminário livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p.131.

2 Miller, J.-A. “Peças avulsas – comentário sobre Le Sinthome”. In: *Opção Lacaniana*. N. 45. São Paulo: Edições Eólia, 2006, p.15.

3 Lacan, J. (1975-1976). *Op. cit.*, p. 64.

4 Miller, J.-A. “Peças avulsas – comentário sobre Le Sinthome”. *Op. cit.* pg. 13

Essa adoração ao próprio corpo, que não passa pelo Outro do significante, é uma nova relação com o corpo. O corpo de que se trata no último ensino de Lacan é “o corpo na medida em que ele se goza”<sup>5</sup>.

No mesmo curso, Miller acrescenta:

(...) há a relação corporal joyceana que é distinta, pois o que está no centro não é a adoração do corpo, é a ideia de si mesmo como corpo. E parece-me que seria necessário opor aí a adoração ao próprio corpo e a ‘moisação’ do próprio corpo, se posso dizer assim. A primeira relação de adoração permanece uma relação de ter, enquanto a outra é uma relação de ser.<sup>6</sup>

Por isso podemos falar de uma doença da mentalidade para Joyce, com esta fórmula substitutiva: *ele não tem um corpo, ele é*.

Uma cena de “Retrato do Artista Quando Jovem” é comentada por Lacan para elucidar a doença da mentalidade de Joyce. Trata-se da briga que surge entre Stephen e Héron, a respeito do poeta Byron. Héron e seus camaradas se jogam sobre Stephen, encurralando-o contra uma cerca de arame farpado e o espancando. Retomamos aqui essa passagem:

Enquanto ainda repetia o *Confiteor* em meio ao riso indulgente de seus ouvintes e enquanto as cenas daquele episódio maligno passavam ainda viva e rapidamente diante de sua mente ele se perguntava por que agora não guardava rancor (*malice*) contra aqueles que o haviam atormentado. Não esquecer nem um pouquinho a covardia e a crueldade deles mas a lembrança daquilo não lhe despertava nenhuma raiva. Todas as descrições de amor e ódio ferozes que encontrara em livros lhe haviam parecido por conseguinte irreais. Mesmo naquela noite enquanto tropeçava pela Jone’s Road em direção a sua casa sentira que alguma força o estava despojando daquela raiva subitamente tecida tão facilmente quanto um fruto maduro é despojado de sua casca madura e macia.<sup>7</sup>

Lacan extrai desse testemunho que não se trata apenas da relação com o corpo, mas que o elo imaginário se rompe para Joyce<sup>8</sup>. Não há adoração ao corpo, não há mentalidade. Para ele, não há mais corpo. Lacan diz que Joyce metaforiza sua relação com seu corpo: como uma casca. Ele não tem o corpo, o que indica a ausência de amor-próprio, mas ele o é pelo processo de metaforização, que Jacques-Alain Miller chama de “moisação”.

Essa perturbação da relação com o corpo para o sujeito Joyce elucidada a clínica contemporânea. Finalizo esse breve comentário com uma questão, a partir do trabalho de Ram Mandil intitulado “James Joyce e a ideia de si como corpo”<sup>9</sup>: Onde estaria o suporte para a ideia que alguém faz de si como corpo? De que maneira podemos distinguir as ideias que se sustentam da imagem do corpo próprio, daquelas que buscam outras vias de sustentação?

5 Miller, J.-A. (2010-2011). *O Um sozinho*. Inédito.

6 Miller, J.-A. “Peças avulsas – comentário sobre Le Sinthome”. *Op. cit.*, pg. 14.

7 Joyce, J. *Um retrato do artista quando jovem*. São Paulo: Siciliano, 1992, p. 87.

8 Lacan, J. (1975-1976). *Op. cit.*, p. 145.

9 Mandil, R. *James Joyce e a ideia de si como corpo*. XI Congresso Internacional da ABRALIC. 13 a 17 de julho de 2008 USP – São Paulo, Brasil. Disponível em: [https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/005/RAM\\_MANDIL.pdf](https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/005/RAM_MANDIL.pdf) (acesso em 21/07/2024).

## ARTE E CULTURA

### Notas sobre Lygia Clark: corpo e fantasma

Flavia Corpas  
Integrante da Comissão de Arte e Cultura

1.

A artista Lygia Clark (1920-1988) afirmava que a chave de sua pesquisa é a participação do público: “a destruição da barreira que separa o espectador da obra e de seu criador”<sup>1</sup>. Algo bastante inovador à época, e talvez até hoje. Podemos dizer que ela funda uma nova concepção de arte e de obra, por ter esgarçado radicalmente seus limites, ao ponto de sua última proposição, *Estruturação do Self* (1976-1988), ter sido definida como estética e terapêutica<sup>2</sup>. O caráter terapêutico da proposta não a exclui do campo da arte, mas, sobretudo, transforma esse campo. Trata-se de uma intensa relação entre arte e vida, o que permite que a artista promova uma dobra da arte sobre si mesma, subvertendo seu discurso, interrogando seus limites e fundando o novo<sup>3</sup>.

A pesquisa de Clark sobre a participação do público, algo bem distinto da arte interativa de hoje, também deve ser encarada como uma abordagem do corpo. “O que me interessa fundamentalmente é o corpo. E atualmente eu já sei que é mais do que o corpo. (...) Então por trás da coisa corporal, é o que vem de mais profundo que interessa”<sup>4</sup>, afirma Clark. Mas de que corpo se trata? Até aqui, parece que ainda estamos “no sentido confuso que guarda para nós o termo *corpo*”, como ressalta Lacan<sup>5</sup>.

2.

A partir de 1963, Clark inaugura uma trajetória absolutamente singular, o que coloca em risco a recepção de sua obra<sup>6</sup>. Tudo começa em *Caminhando* (1963), ainda que possamos enten-



Lygia Clark  
*Caminhando*, 1963. - Crédito: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/189/caminhando>

1 Cf. Diserens, C.; Todoli, V.; Coessens, P. In: *Lygia Clark*. Fondació Antoni Tàpies, MAC, galeries contemporaines des Musées de Marseille, Fundação de Serralves e Palais des Beaux-Arts, 1997.

2 Clark, L. “Encontro de Lygia Clark com os psicoterapeutas”. In: *Lygia Clark: da obra ao acontecimento. Somos o molde. A você cabe o corpo*. Musée de Beaux-Arts de Nates, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2006, p. 59.

3 Cf. Rolnik, S. “Arte Cura?” In: Bartucci, G (org.). *Psicanálise, Arte e Estéticas da Subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2002; Rolnik, S. “O híbrido de Lygia Clark”. In: *Lygia Clark*. Fondació Antoni Tàpies, MAC, galeries contemporaines des Musées de Marseille, Fundação de Serralves e Palais des Beaux-Arts, 1997; Rivera, T. “Ensaio sobre o espaço e o sujeito: Lygia Clark e a psicanálise”. In: *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2008, p. 219-238.

4 Clark, L. (2006) *Op. cit.* Esse a mais do corpo, o “por trás da coisa corporal” é distinto do corpo concreto, empírico ou orgânico. Cf. Rolnik, S. (2002). *Op. cit.*

5 Lacan, J. (1966-1967). *O Seminário, livro 14: a lógica do fantasma*. Aula 16/11/1966. Tradução livre.

6 Rolnik, S. “Afinal, o que há por trás da coisa corporal?” In: *Lygia Clark: da obra ao acontecimento. Somos o molde. A você cabe o corpo*. (2006). *Op. cit.*, p. 09.

der que seu percurso anterior, desde os anos 1950, a tenha conduzido às proposições dos anos 1960-1980. É em *Caminhando* que a artista afirma atribuir “uma importância absoluta ao ato imanente realizado pelo participante”<sup>7</sup>. Tesoura na mão, o participante é convocado, por meio de um texto, a produzir e cortar uma banda de Moebius – figura topológica trabalhada e cortada, de forma distinta, por Lacan em 1962<sup>8</sup>. A artista propõe um corte no sentido do comprimento, até que se chegue à parte já cortada, ponto no qual se deve escolher seguir cortando pela direita ou esquerda<sup>9</sup>, a cada vez que chega a um corte.

Segundo ela, as propriedades da banda, que quebram “os nossos hábitos espaciais: direita-esquerda, anverso-reverso etc.”, nos fazem “viver a experiência de um tempo sem limite e de um espaço contínuo”, na qual o espectador-autor e o objeto “formarão uma realidade única, total, existencial. Nenhuma separação entre sujeito-objeto. É um corpo-a-corpo, uma fusão”<sup>10</sup>.

### 3.

Chegando aqui, deveríamos nos perguntar, para os objetivos que nos cabem, qual seria o estatuto de corpo em uma proposta que afirma não haver nenhuma separação entre sujeito e objeto. Com Lacan e o matema da fantasia, estamos advertidos de que a punção introduz “uma identidade que se fundamenta numa não-reciprocidade absoluta”<sup>11</sup>, ou ainda “registra as relações envolvimento-desenvolvimento-conjunção-disjunção”<sup>12</sup> entre sujeito e objeto  $\alpha$ . Além disso, sabemos que um dos usos da banda feito pelo psicanalista permite tomá-la como “lugar-tenente da fantasia, ao qual o corte fornece a estrutura”.

Contudo, tenhamos ainda em mente o projeto estético de Clark nesse momento. No final da travessia de *Caminhando*, em função do corte proposto, a banda se rompe, caindo no chão um enlaçado de tiras de papel. Fim do ato. O que resta ali não é uma obra. É o corte, enquanto ato<sup>13</sup>, que estreia na cena da arte, fazendo-a prescindir assim da noção de obra, mas não do objeto. Se a arte contemporânea mais desvela ou recupera o objeto  $\alpha$  do que o vela<sup>14</sup>, nesta proposição de Clark o que se apresenta é seu caráter inapreensível, não imaginável, que a abolição da obra demarca<sup>15</sup>.

7 Clark, L. “Caminhando”. In: Catálogo da exposição *Lygia Clark*. Fundação Antoni Tàpies, 1997, p. 151.

Para ter acesso à íntegra do texto da proposição: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/189/caminhando> e <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/6275/caminhando>

8 Lacan, J. (1961-1962). *O Seminário, livro 9: a identificação* (não publicado). Aula de 16/05/1962.

9 Clark, L. (2006) *Op. cit.*

10 Idem.

11 Lacan, J. “Kant com Sade”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 785.

12 Lacan, J. “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 641, nota de rodapé 25.

13 Cf. Clark, L. (1997). *Op. cit.* “Existe apenas um tipo de duração: o ato. O ato é que produz o “Caminhando”. Nada existe e nada depois”.

14 Brousse, M-H. “O saber dos artistas”. In: *Arquivos da Biblioteca*, Rio de Janeiro, nº 5. Escola Brasileira de Psicanálise, junho de 2008, p. 49-62.

15 Rivera, T. (2008). *Op. cit.*

4.

“O sujeito começa com o corte”<sup>16</sup>, afirma Lacan em um momento de seu ensino em que articula corpo, objeto *a* e fantasma. As proposições de Clark visam o corpo por meio da relação do público, ou melhor, do espectador-autor com o objeto *a*-rte. É preciso entrar com o corpo. Não porque uma atividade motora está sendo proposta, mas porque ao fazer do espectador o próprio autor, há a possibilidade de subverter a própria lógica do sistema convencional da arte que, tributária do discurso do mestre – a crítica ao *status quo* da arte sustentada por Clark nos permite essa reflexão – aprisiona os corpos e os petrifica<sup>17</sup>. Se os corpos são suporte do discurso, constituídos por ele, há também o resto e não se deixar agarrar.

Podemos propor, a partir de uma reflexão sobre *Caminhando*, que o corte, além de implicar sujeito e objeto, diz respeito também ao corpo, não o do estúdio do espelho, mas aquele que se faz em ato porque escapa o tempo todo, o corpo na *condanção*<sup>18</sup>?

5.

Por fim, talvez possamos forçar um pouco os conceitos e dizer que uma escrita possível para o campo de tensão que demarca a relação entre arte e psicanálise seja arte <> psicanálise, onde a punção indica “todas as relações, menos a igualdade”<sup>19</sup>.

Desta forma, se o uso da banda de Moebius nos permite aproximar Lacan e Clark, também sabemos que a psicanálise e a arte possuem suas especificidades.

---

16 Lacan, J. (1966-1967). *Op. cit.* Tradução livre.

17 Lacan, J. (1971-1972). *Seminário 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p.220.

18 Vieira, M.A. “Ressonâncias da intradução lacaniana”. In: *CODA #02. Boletim do XXV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano*, maio 2024. Acessível em:  
<https://encontrobrasileiroebp2024.com.br/index.php/2024/04/30/ressonancias-da-intraducao-lacanianal/>

19 Rivera, T. (2008). *Op. cit.*

BOLETIM

# CODA

**DIRETORIA DO ENCONTRO:**

PATRICIA BADARI (*PRESIDENTE*) | NIRALDO DE OLIVEIRA SANTOS (*DIRETOR*)  
ALESSANDRA PECEGO E RÔMULO FERREIRA DA SILVA (*COORDENADORES GERAIS*)

**COMISSÃO DO BOLETIM:**

**COORD:** GUSTAVO MENEZES (SP) E RENATA GOMES MARTINEZ (RJ) |  
ADRIANA RODRIGUES (SUL)  
CLEYTON ANDRADE (NE)  
DANIELA NUNES ARAÚJO (BA)  
FABRÍCIO DONIZETTI (SP)  
OLÍVIA VIANA (MG)  
THEREZA DE FELICE (RJ)

DESIGNER: BRUNO SENNA